

## **Hierarquias e consumo de cocaína: um estudo etnográfico em um bar da zona norte da cidade de Niterói – RJ<sup>1</sup>**

Victor Cesar Torres de Mello Rangel<sup>2</sup>

O primeiro *teco*<sup>3</sup>: a iniciação no bar e apontamentos sobre a pesquisa

Foi aproximadamente na metade do ano de 2011 quando visitei pela primeira vez o bar da pesquisa. Fazia cerca de quatro meses que havia me estabelecido em Niterói para iniciar o curso de mestrado em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. Quem me apresentou ao local foi o professor Fernando, que há alguns anos já frequentava o espaço de forma esporádica, conhecido pelos donos e funcionários. Fernando já tinha um certo reconhecimento no estabelecimento por ser considerado um bom cliente, apesar de eventualmente *perder a linha* fazendo performances e monólogos sobre temas variados. Alguns clientes, principalmente os que não possuem intimidade com o professor, o consideram chato e arrogante, por outro lado, muitos admiram seu lado sensível e generoso no trato com os amigos e colegas de bar. Fernando é uma pessoa um tanto complexa de ser rotulada dentro daquele ambiente do bar. Um rapaz novo, professor universitário, que tem origem popular, mas que possui uma erudição e um tipo de conhecimento que não são comuns à maioria dos frequentadores.

Esse caráter ambíguo de Fernando certamente se ameniza pelo fato dele ter sido iniciado no bar por um morador antigo e *considerado* no local. Nascido e criado na região do bar, Galvão é uma pessoa muito popular e conhecida, principalmente pelos moradores mais antigos. Um homem de origem humilde que conseguiu se destacar, em termos intelectuais se comparado à maioria dos clientes, a partir de seu contato com o universo universitário, assim como aconteceu com Fernando.

Nesse dia, estava bebendo com colegas da universidade em um bar da Cantareira, região da boêmia universitária localizado na zona sul da cidade de Niterói, e Fernando, também presente nesse grupo, sugeriu que fôssemos a um bar que ele há muito tempo já divulgava de maneira empolgada. Movido pela curiosidade sobre aquele lugar, aceitei o convite e seguimos até o estabelecimento.

---

<sup>1</sup> “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF”.

<sup>2</sup> Doutor em Antropologia pelo PPGA/UFF. Bolsista FAPERJ pelo InEAC/INCT/UFF. Pesquisador do NUFEP/UFF.

<sup>3</sup> *Teco* ou *carreira* se referem a uma dose de cocaína.

Foi a primeira vez que estive na zona norte da cidade, até então, só conhecia a região sul e central da cidade, além da região oceânica. Fazia poucos meses que havia me mudado para a cidade após ter sido aprovado no mestrado em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Embora já conhecesse razoavelmente a cidade do Rio de Janeiro desde criança, visitando parentes e, posteriormente, amigos em diversos bairros da cidade, grande parte de Niterói, bem como outros municípios vizinhos, ainda não me eram familiares. Por ter morado desde a infância em pequenas cidades, desde o norte do Estado do Espírito Santo até a Região dos Lagos, ainda estava me acostumando com o ritmo dessa nova região em que passei a residir.

Apesar de já ter frequentado bares em bairros pobres, favelas e em subúrbios, que lembram em alguns aspectos esse estabelecimento, nunca permanecia por muito tempo pelo tipo de local não ser “o objetivo da noite”. Normalmente esses bares eram locais de passagem, geralmente no início da noite, usados como um *esquenta* pelo fato de possuírem bebidas mais baratas ou quando alguém do grupo em que estava inserido estivesse interessado em conseguir algum tipo de droga. Em seguida, normalmente seguíamos para outros tipos de estabelecimentos, normalmente marcados por uma classe média intelectualizada, como exemplo, a região da Cantareira onde estávamos bebendo naquele dia.

Chegando ao local, me deparei com um bar relativamente grande e com um público em que eu não estava tão acostumado a interagir na *noite*. Fernando cumprimentou algumas pessoas do lado de fora e, ao entrarmos no estabelecimento, imediatamente me apresentou a Mello, um dos donos do bar, dando detalhes sobre quem eu era, onde morei e que era uma pessoa de sua estima (normalmente ele repete esse ritual de apresentação aos novos frequentadores que chegam com ele ao local) Em seguida, me apresentou a Vovô, dizendo que ele era o “cara quem manda aqui”, falou um pouco de sua história e pediu que “cuidasse de mim” se porventura voltasse ao estabelecimento em um momento posterior sozinho. Nesse dia, Galvão também estava no bar, Fernando e eu o cumprimentamos e ficamos todos bebendo cervejas por algumas horas.

Nesse intervalo de três anos entre o dia em que conheci o bar e o início da pesquisa, frequentei o estabelecimento em diversos momentos, alguns mais assíduos que outros. Quando iniciei a pesquisa de doutorado, já era conhecido por todos os clientes antigos e demonstrava ser uma pessoa de confiança, o que facilitou muito o meu trabalho. Vovô e Galvão também sempre falavam para os consumidores de cocaína, sobretudo os com que eu tinha menos contato, sobre a minha pesquisa e perguntavam se eles poderiam

conversar ou me conceder alguma entrevista em algum momento. Posteriormente, fui convidado para jogar futebol de salão com os *coroas*<sup>4</sup> em um clube de lazer no bairro. Acho que esse convite, sobretudo por ser uma pessoa de fora e bem mais novo que eles, demonstra que fui aceito no local e me tornei uma pessoa familiar.

Apesar desse contato anterior à pesquisa ter facilitado o acesso ao campo, cabe ressaltar que o consumo de drogas ilícitas, mesmo nesse ambiente familiar, é um fenômeno ainda marginal, difícil de ser relatado pelos próprios praticantes. A carga moral que essa prática carrega, tanto em termos sociais ou individuais, foi um obstáculo a ser enfrentado durante as entrevistas. Em algumas destas, principalmente com os frequentadores mais idosos, houve a tentativa de reprodução de um discurso pedagógico, que não era comum em nossas conversas informais, como o de que a cocaína é “um grande mal” para quem a utiliza, que eles já eram velhos e não tinham mais perspectivas na vida e eu, diferentemente, teria ainda muitas décadas para construir coisas e certamente não deveria entrar nesse universo de consumo, uma vez que a cocaína iria me impedir de ser uma pessoa “bem-sucedida na vida”. Esse discurso pedagógico de “pai” ou “avô” pela diferença etária e também pela diferença sociocultural - por eu ser oriundo de uma classe média escolarizada e ser identificado como um “professor” da universidade em contraste com a vida simples de periferia da maioria dos meus interlocutores - foram obstáculos que só se romperam após muito convívio, muitas noites bebendo cervejas e também pela tentativa sempre presente de manter relações horizontais, com respeito às diferenças e sendo compreensivo e tratando como “normal” os modos seus modos de levar à vida.

A dificuldade de algumas pessoas em construir relatos de forma mais formal e ter essa conversa registrada em um gravador de voz, como procedi em todas as entrevistas, foi presente em alguns casos. Lauro, por exemplo, que é um dos interlocutores que frequenta quase todos os dias o bar, e se trata de uma pessoa com quem estabeleci uma relação de *camaradagem*, foi uma das poucas pessoas que se recusou ser entrevistado. Mesmo propondo uma entrevista sem a utilização do gravador de voz, ele sempre se esquivou em ficar nessa posição de entrevistado. Após algumas tentativas, desisti de entrevistá-lo. Contudo, sempre conversava sobre variados temas que envolvia a cocaína

---

<sup>4</sup> Constituído por cerca de dez homens, conhecidos e respeitados por donos, funcionários e clientes, destacam-se comerciantes e funcionários públicos, alguns já aposentados, inseridos numa faixa etária que gira em torno de cinquenta e cinco a sessenta e cinco anos e que frequentam o bar de uma a três vezes por semana. Esse grupo é considerado a “elite” do bar, e apesar do uso regular de cocaína, eles são considerados pessoas bem-sucedidas na vida. A cocaína não é vista pela maioria dos clientes como algo que destrutura suas relações familiares e de trabalho.

e acabei aprendendo com Lauro muitas coisas sobre o bar e sobre esse universo do consumo em conversas informais e não direcionadas forçosamente à essa temática.

Ainda em relação às entrevistas, um ponto sobre o qual refleti bastante, antes de iniciá-las se, refere às formas de “remunerações” ao tempo gasto pelos usuários nessas conversas. Optei em não oferecer, diferente de outros pesquisadores, nenhum tipo de pagamento prévio para esses depoimentos pessoais, e nenhum dos entrevistados tomou a iniciativa de cobrar pelo relato. Logicamente, durante essas conversas, paguei bebidas, algumas vezes tira-gostos ou contribuí, ao final, para inteirar com algum dinheiro que faltava para o entrevistado pudesse comprar alguma dose de cocaína. Achei importante que o entrevistado viesse sem nenhum tipo de contrapartida prévia, mas por livre e espontânea vontade. E a maioria se voluntariou por camaradagem, por confiar que não faria nenhum mau uso do material ou por se sentir importante fazendo parte de uma pesquisa que poderia futuramente ser publicado na forma de livro.

São mais de seis anos de convívio com frequentadores desse espaço. Posso dizer que nesse tempo pude entender muito sobre as lógicas de funcionamento daquele espaço, que a princípio pode parecer um local totalmente caótico com *bêbados* e *viciados* - se comparado a bares da zona sul da cidade -, mas que na prática funciona de modo extremamente ordenado. Uma fina ordenação dentro do caos, por assim dizer.

### O Bar

O bar fica localizado em um bairro da zona norte da cidade de Niterói e funciona de segunda a sábado. Suas portas são abertas por volta de sete horas da manhã e fecham por volta de meia noite. Podemos afirmar que não se trata apenas de um bar, mas de uma mercearia, restaurante, padaria e pizzaria em um mesmo local. A região não possui outro estabelecimento que consiga reunir a oferta de tantos gêneros alimentícios e que fique aberto até tal hora. É possível comprar alimentos e produtos diferenciados que vão desde produtos de limpeza e higiene a rações de cachorro e aves. Trata-se, então, de um “estabelecimento misto” (Machado, 1978), reunindo diferentes classes de produtos alimentícios consumidos por diferentes grupos. Observando a etimologia da palavra *botequim*, podemos também observar que ela deriva do diminutivo de botica, botiquinha, utilizada antigamente para nomear as lojas, em sentido geral, variando de farmácia de manipulação à armazém de secos e molhados (Thiago de Mello, 2003)

É um estabelecimento típico de subúrbio. A maioria das pessoas que frequenta o bar mora no bairro e se conhece. Muitas destas são menos abastadas ou moradoras de

favelas que circundam a região. Apesar desse público constituir a grande parte dos frequentadores, vemos também a presença de pessoas mais abastadas, como professores e alunos de universidades, funcionários públicos, comerciantes, entre outros. Isso pode ser explicado pela forma, por assim dizer, mais igualitária (se comparado a outros bares do bairro) em que os frequentadores são tratados pelos funcionários e donos. Pequenos traficantes, *bondes*<sup>5</sup> e usuários de drogas não são destratados ou impedidos de frequentarem o bar, desde que respeitem as regras locais. Essa foi a primeira característica observada por um amigo que me apresentou o local há cerca de seis anos, em suas palavras, “o bar mais democrático de Niterói”.

Como disse anteriormente, o bar funciona de manhã à noite e é possível observar diferenças substanciais nesses três turnos em relação ao público, oferta de serviços, funcionários e dinâmicas.

No período da manhã, o bar basicamente funciona como padaria e mercearia. Nesse período não vemos muitas pessoas fazendo uso de drogas e bebidas. Inclusive, recentemente foi fixado um cartaz dizendo que o estabelecimento não vende bebidas alcoólicas antes das dez horas. Conversando com um dos frequentadores mais antigos, ele relatou que isso era uma tática para evitar que pessoas *viradas* (que beberam e/ou usaram drogas desde a noite anterior) venham ao bar importunar os clientes e funcionários. O bar, nesse momento, privilegia um público que não se relaciona com esse universo étlico e de drogadição. Podemos ver donas de casas comprando itens que faltam para o almoço ou outro produto relativo às necessidades domésticas, funcionários do comércio local tomando café, comprando cigarro ou algum outro produto de mercearia, entre outros públicos. Nota-se que a maioria das pessoas que permanece algum tempo no estabelecimento - sem contar com as pessoas que passam de forma rápida para comprar algo específico - são aposentados do bairro ou funcionários do comércio local “fazendo uma horinha” tomando café e conversando. Apenas recentemente o bar começou a fabricar pão, artigo alimentício não disponível desde sua inauguração há cerca de quarenta e cinco anos. A inclusão desse item, sendo um dos principais alimentos presente no café da manhã dos brasileiros, certamente proporcionou o aumento e também uma maior variação entre o público frequentador.

A partir da hora do almoço os funcionários ficam quase que exclusivamente voltados para finalizar a preparação e servir o almoço. É exatamente nesse turno que

---

<sup>5</sup> Os *bondes* são pessoas que cobram um valor em dinheiro para buscar drogas em favelas próximas ao bar. Também são chamados de *aviões* e *boys*.

concentra a maior parte de funcionários do bar, cerca de três trabalhando na cozinha e quatro no balcão. Os pratos são variados e constantemente são incluídas novas opções ao cardápio. Nesse momento, o consumo de bebidas é realizado pela maioria dos frequentadores de forma moderada, se comparado ao turno da noite. É possível comer um prato de bobó de camarão com arroz ou um contrafilé com fritas, arroz, feijão e salada por cerca de doze reais, o que revela o baixo custo<sup>6</sup> em relação a outras regiões da cidade. No que diz respeito ao público, assim como no café da manhã, vemos muitos funcionários do comércio local, além de pessoas que estão naquela região de passagem a trabalho ou viagem.

A localização e variedade de gêneros alimentícios e domésticos favorece a formação de um público “de passagem”. Isso porque, como disse antes, sua característica de também funcionar como uma mercearia faz com que pessoas cheguem ao local para comprar algo pontual, não permanecendo muito tempo. Outro ponto que favorece esse tipo de público é o fato do estabelecimento ficar situado em uma grande avenida que liga a cidade a outros municípios. Nesse sentido, a via é bastante utilizada por moradores de Niterói, Rio de Janeiro e outras cidades que estão a caminho da Região dos Lagos ou para o município de São Gonçalo. Assim, é relevante considerar uma parcela do público itinerante, não assídua e de outras regiões frequentando o bar principalmente no período do almoço.

A partir das seis horas o bar começa a receber uma maior concentração de pessoas que consomem bebidas e drogas ilícitas. É certo que outros públicos também passem pelo local, como moradores locais que vão comprar produtos de padaria, mercearia e pizzaria (que começa a funcionar nesse período). Mas além de ficarem pouco tempo, não são vistos como frequentares assíduos do bar.

Nesse momento, o consumo de comidas não apresenta grande demanda. Isso pode ser visto pelo fato de ter apenas um funcionário na cozinha durante esse turno. Os tiragostos e salgados são os alimentos mais consumidos nesse período. Vemos, ao entrar no bar, pessoas comendo espetinhos de frango, porções de queijo e azeitona, calabresa

---

<sup>6</sup> O preço das cervejas de 600ml, por exemplo, varia de R\$4,50 (Itaipava) a R\$7,00 (Heineken). Esses valores são considerados baixos se comparados a regiões mais nobres da cidade. Os produtos de mercearia não são tão baratos quanto os supermercados da região, mas ainda assim mais baratos que os supermercados dos bairros mais abastados, como Ingá, Icaraí e São Francisco. O litro de leite desnatado (Macuco) custa cerca de R\$ 2,90, o chocolate (Chokito) R\$1,50 e o quilo do queijo tipo mozzarella custa cerca de R\$24,00, por exemplo. [Preços praticados no ano de 2015].

acebolada, pedaços de pizza, batata frita, iscas de frango ou peixe entre outras comidas de rápido preparo - se comparadas com o período do almoço.

Em relação às bebidas, a maior parte dos frequentadores bebe cerveja. A três marcas mais consumidas são Brahma, Itaipava e Antártica, segundo um dos donos. Mas uma parcela significativa dos frequentadores toma apenas bebidas quentes (ou concomitantemente à cerveja), como cachaça e *traçado*, uma mistura de bebidas como cachaça, conhaque, rum *Montilla*, *Fogo Paulista* entre outras. Outras bebidas são consumidas com menor frequência, como o whisky - o bar só dispõe de uma marca nacional (*Teacher's Highland Cream*) - e a cerveja *Heineken*, que é a mais cara do bar.

Além de beber, comer e poder solicitar o serviço de busca de drogas, o bar oferece outros dois atrativos de lazer. Na parte do fundo do estabelecimento foram instaladas cinco máquinas caça-níquel - que consistem em um monitor embutido em um baú de madeira contendo uma placa-mãe responsável por rodar um jogo de azar. Alguns dos usuários de cocaína têm o hábito de passar algum tempo nesse espaço, jogando, cheirando e tomando cervejas e bebidas destiladas. Outro atrativo é o chamado *jukebox*, que consiste em um aparelho eletrônico acionado por moedas, dinheiro ou cartão, e que possui a função de tocar músicas escolhidas pelo cliente que estejam em seu banco de dados. A máquina funciona a partir de R\$2,00 e o cliente pode escolher três músicas.

É importante ressaltar que essa etnografia analisou o estabelecimento, sobretudo, em seu período noturno, uma vez que se refere ao período em que concentra a maior parte dos usuários de cocaína. Apesar de concentrar minhas idas à noite, visitei o local em diversos momentos no período diuturno, para tomar café-da-manhã ou para conversar com algum cliente e no período do início da tarde, normalmente para almoçar ou beber cervejas com algum conhecido da região.

#### Hierarquias entre usuários de cocaína

Esse texto foi escrito a partir da minha pesquisa de doutorado, que teve como objetivo central a análise de saberes técnicos/científicos, policiais e nativos sobre o consumo de cocaína a partir de consumidores da substância e de peritos da polícia civil e federal do Estado do Rio de Janeiro. A intensidade do trabalho de campo e a proximidade com meus interlocutores no bar, proporcionaram, dentre diversas outras coisas, que entendesse a fundo as lógicas de funcionamento daquele espaço e, conseqüentemente, como os clientes eram “rotulados” entre si. Nesse sentido, tento descrever a seguir como as relações construídas no

bar se pautavam em concepções hierárquicas, tomando como foco os consumidores de cocaína.

Dumont (1997) pode nos ajudar a entender o conceito de hierarquia a partir da comparação entre os sistemas individualista americano e o hierárquico indiano. Logo, o autor divide dois modelos de configurações sociais entre essas sociedades: 1) as sociedades tradicionais (holistas): amparadas nas ideias de imobilidade social, desigualdade, complementariedade entre as castas e pensada a partir de seus fins, e não um meio para a felicidade individual. Logo, cada homem deve contribuir para a ordem global, concebendo, assim, o indivíduo sempre como parte de um grupo. Um dos exemplos empíricos, analisado pelo autor, seria o sistema holista de castas da Índia. 2) Por outro lado, temos as sociedades modernas (individualistas): baseadas nas ideias de mobilidade social, igualdade, oposição de classes e enfoque aos direitos individuais, onde as partes aparecem como mais importantes que o todo. A sociedade, nesse modelo, surge como um meio para que seus indivíduos satisfaçam suas vontades. As sociedades modernas ocidentais se encaixam nesse último modelo, tendo o exemplo americano como referência.

Em relação ao nosso país, ao contrário do modelo americano individualista e do modelo indiano hierárquico, DaMatta (1997) considera que o Brasil apresenta um *sistema dual* que reúne concepções do modelo individualista igualitário e de modelo holista hierárquico, como podemos observar no sistema jurídico – por exemplo, o Artigo 5º da Constituição de 1988 afirma que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”, entretanto, existem leis que preveem tratamentos desiguais aos indivíduos, como o direito à prisão especial para pessoas que possuem formação superior. Neste sentido, minha pesquisa de doutorado demonstrou que usuários (e peritos criminais) utilizam-se de práticas hierárquicas de desigualdade de pessoas a partir de um tipo de *hierarquia excludente* (Kant de Lima, 2000), que se relaciona a privilégios e posições sociais diferenciadas. Contudo, de maneira diferente, a relação no bar, entre o dono (Mello) e seus clientes, se aproxima mais de uma concepção de *hierarquia includente*<sup>7</sup> (idem) ou de uma *estratificação social* (Dumont, 1997). A seguir, descrevo dois casos que ajudam a compreender como essas lógicas hierárquicas são conformadas no universo do bar.

---

<sup>7</sup> A expressão *hierarquia includente* é utilizado por Kant de Lima (2000) de maneira semelhante ao que Dumont (1966) denominou de *estratificação* e, nos EUA, se denomina *rank*. Ao contrário, a *hierarquia excludente* define, de antemão, que nem todos os indivíduos poderão chegar ao topo da hierarquia, porque não há espaço para tal.



## Uma batida policial

Era uma noite de quarta-feira. Estava no bar com o Galvão, Lauro e Montes tomando algumas cervejas e observando pela televisão alguns lances de um jogo do Campeonato Brasileiro de Futebol. Estávamos em pé no interior do estabelecimento, próximo à porta de entrada, lugar onde os *coroas* costumam permanecer na maioria das vezes que frequentam o local. Havia vários grupos distintos, como de costume, dentro e fora do botequim. Na entrada, estavam alguns senhores de classe média, trabalhadores não braçais, com exceção de Vovô que, apesar de não fazer parte desse grupo, circula entre distintas rodas de amigos e colegas de bar. Na parte de fora, era possível observar alguns mototaxistas, *bondes* e *vermes*<sup>8</sup>, além de alguns moradores de favelas da região. No interior do bar, da parte da entrada até o fundo, ao longo das mesas, havia pessoas de diferentes origens, ofícios e classes sociais. A maioria dos clientes eram pessoas de classe média e baixa tomando alguma cerveja e comendo algum tira-gosto após um dia de trabalho. Na última mesa, no fundo do bar, local em que ficam as máquinas caça-níquel<sup>9</sup>, estava um grupo de amigos e familiares residentes de uma favela da região.

O clima estava um pouco tenso pela recente ocupação policial em uma das maiores favelas da região, em termos de armamento e distribuição de drogas. Fazia alguns dias que os usuários estavam tendo que recorrer a outras favelas próximas da região, tendo em vista que a *boca*, recém-ocupada pela polícia, é considerada um dos pontos de vendas favorito de muitos consumidores pela suposta qualidade do *pó* vendido, e no momento encontrava-se fechada. Nem mesmo os moradores, que normalmente possuem alguns tipos de privilégios no momento da compra (como furar a fila, conseguir pegar a substância com o traficante antes mesmo que esta chegue ao local da *boca*, entre outros) não estavam conseguindo comprar nenhum tipo de droga. Vovô comentou que o gerente não estava liberando nenhuma droga

---

<sup>8</sup> Estes são considerados a escória do bar por alguns motivos. Primeiro pelo fato de incomodar os clientes pedindo drogas e bebidas. Pedir para que algum cliente pague algo no bar, ofereça cigarros ou um *risco de pó* (uma dose de cocaína) só é bem visto quando as duas partes possuem alguma intimidade e quando a reciprocidade, no sentido maussiano (Mauss, 2003), é muito bem construída nessa relação. Alguns desses *vermes* trabalham como *bondes*. Em muitas ocasiões observei clientes reclamando de terem levado *uma volta* dessas pessoas - que significa que o *bonde/verme* foi pegar a droga e não voltou; voltou com menos quantidade; ou abriu as *cápsulas*<sup>8</sup> retirando parte da droga substituindo ou não por algum produto (como pó Royal). Em resumo, esse grupo é constituído por pedintes, golpistas, alcoólatras e *viciados* que não conseguem arcar com sua própria droga, tendo que recorrer a golpes e a mendicância. Os *vermes* também são chamados de outros nomes, como *171*, *vacilão*, *cachaça* entre outros.

<sup>9</sup> Máquina caça níquel é um jogo de azar eletrônico, em que se introduz cédulas de dinheiro na tentativa que seja devolvido, através de um acerto de determinada combinação, um valor superior ao jogado. O bar possui cinco máquinas e as apostas começam a partir de R\$2,00.

para ninguém, que as armas, todo o *pó* e maconha “estavam *entocados* até que o *dono* sentisse segurança em colocar as peças e as drogas de novo na rua”. Nem mesmo Santos, que é pai de um dos antigos *gerentes* do tráfico da comunidade, não conseguiu pegar nada para seu consumo ou para algum cliente que tentou encomendar seu serviço de *bonde*.

Esse período coincidiu com a troca de comando da polícia militar na cidade. No bar, as pessoas afirmavam que a violência em Niterói havia aumentado muito nos últimos tempos e o comando geral da polícia militar resolveu trocar o comandante por um coronel, considerado linha dura, que havia recentemente comandado um grande batalhão em uma cidade vizinha.

Não só o tráfico nessa favela estava sendo reprimido pela polícia militar. Pelo menos umas três ou quatro *bocas* localizadas em diferentes favelas da região estavam sofrendo rotineiras incursões pelos militares. Foi uma semana em que se ouvia uma grande quantidade de tiros e notícias sobre prisões, apreensões e mortes de traficantes e moradores. Nesse dia, Lauro comentou que o novo comandante “chegou agora e quer mostrar serviço”, mas considerava que, de fato, essa situação de repressão ao tráfico das comunidades não iria durar muito tempo porque “iria atrapalhar o *arrego*<sup>10</sup> que policiais da região ganham das *bocas*”. Montes também comentou que essa operação era para “acalmar a população e sair na mídia”, levando em consideração que “a população estava cobrando uma resposta por toda essa violência causada pela bandidagem que veio do Rio para as favelas da cidade”. E, de fato, essa repressão não durou muitos dias. Passado algum tempo, operações ostensivas como essa se tornaram mais escassas e com proporções menos ampliadas do que a ocorrida nessa época.

Foi neste clima pesado, gerado pelas frequentes incursões da polícia militar, que assisti a primeira operação policial de repressão a usuários no bar. Apesar do local ser um ponto conhecido de consumo e de venda de serviços de busca de drogas, presenciei e escutei falar apenas de raríssimas abordagens policiais no local. Vovô considera que essa escassez da polícia em atuar em um lugar tão *visado*, pode ser explicado pelo fato de: 1) não terem o interesse de perder muito tempo revistando usuários em um local com muitos observadores, podendo correr o risco de não encontrar nada ilegal; 2) ou, nos casos de sucesso nas abordagens, não conseguir negociar nenhum tipo de pagamento, com tantos olhos ao redor, para liberar o usuário pego em flagrante.

Nesse dia ocorreu uma operação conjunta da polícia civil e militar nesse e em outros bares da região conhecidos como pontos de consumo de drogas. Comandada por um delegado, duas

---

<sup>10</sup> *Arrego* pode ser interpretado como algum tipo de favorecimento mediante propina. Nesse caso, significa o pagamento semanal de um valor em dinheiro pelo tráfico de drogas a policiais da região para que estes não atrapalhem os negócios da *boca*.

viaturas da polícia civil e três viaturas da polícia militar cercaram as duas vias de acesso do estabelecimento, pegando todos os frequentadores, usuários ou não, de surpresa. Ao descerem das viaturas, os policiais foram primeiramente revistar os mototaxistas. Havia cerca de quatro no local. Ficaram alguns minutos revistando os motoristas e motos e não encontraram nada irregular ou ilegal. Após essa revista realizada na calçada do outro lado da rua do bar, os policiais, guiados pelo delegado responsável pela operação, mandaram todas as pessoas que estavam na frente do bar permanecerem de costas à parede. Lembro que estava Terceiro, um dos *vermes*, e cerca de quatro usuários sentados perto de uma bomba elétrica da empresa municipal de abastecimento de água, que fica à esquerda da entrada do bar. Todos foram revistados e os policiais novamente não encontraram nenhuma substância ilegal. Em seguida, os policiais foram chegando próximo à porta do estabelecimento e se depararam com um casal jovem, bem vestido, à esquerda e à direita com dois senhores, com cerca de sessenta anos, um branco e outro moreno claro: o primeiro, de calça jeans e camisa de botão e o outro, de bermuda e camisa polo. Os policiais passaram direto pelas duas mesas, sem nenhum tipo de abordagem, e entraram no bar.

Logo ao entrar, o delegado, acompanhado por cerca de quatro policiais, averiguou quem eram as pessoas que poderiam ou não ser revistadas. Olhou para mim, Montes e Galvão, e nos deu boa noite. Após retribuímos a saudação, o delegado continuou caminhando até o fundo do bar e revistou apenas as pessoas que estavam na última mesa, moradores de uma favela da região. Havia três homens e duas mulheres e os policiais revistaram apenas os primeiros. Assim como nas outras abordagens, os policiais não encontraram nenhum entorpecente ilícito. Com a cara visivelmente decepcionada, o delegado encaminhou-se até a saída, cumprimentou o dono do bar, gesto que não havia realizado logo quando adentrou ao recinto, e seguiu até a viatura partindo em disparada junto com os outros policiais. Vovô dias depois contou que a equipe de policiais continuou o trabalho de revistas nos bares da região, mas que não conseguiu muito sucesso, em termos de apreensões de materiais ilegais, na operação.

Logo após a saída do delegado e seus colegas civis e militares, começou uma movimentação dos usuários para recuperar as *cápsulas* escondidas entre sacos de rações e engradados de cerveja. Os rapazes que estavam na mesa no fundo do bar ficaram visivelmente ofendidos e envergonhados por terem sido os únicos escolhidos pelo delegado para serem revistados. É curioso observar que nenhum destes possuía, de fato, cocaína ou outro tipo de entorpecente. Um dos rapazes é frequentador do bar e trabalha no mercado informal, vendendo pipocas e outras mercadorias nos sinais da região, e realmente não faz uso de cocaína, apenas bebe cerveja no local rotineiramente após o dia de trabalho. Jonas, estava na mesa do lado, e

me contou que ficou “pálida” quando viu aqueles homens entrarem no bar. Ele estava com duas *cápsulas* no bolso e com “a boca torta”, no entanto, disfarçou e fez “cara de bom moço”, tentando ficar tranquilo para “não dar pinta”. O rapaz também revelou que apesar de sua preocupação, seria incomum se o revistassem, porque “apesar de doidona<sup>11</sup>” era branco e não morava em favela. Concluiu afirmando que: “eles [os policiais] sabem quem pode e quem não pode ser revistado, não são nada bobos”.

A tática de primeiramente revistarem os mototaxistas foi totalmente equivocada, se pensarmos em termos práticos, para que a operação obtivesse algum sucesso<sup>12</sup>. A maioria desses trabalhadores não utiliza cocaína, alguns só maconha, e não costumam portar nenhum tipo de droga durante o trabalho – apenas quando realizam o serviço de busca nas favelas. Por sorte, os quatro mototaxistas, no momento do início da operação, estavam parados no ponto. Se, em algum momento, carregaram algum tipo de substância ilegal, certamente, esta já teria sido entregue ao usuário que encomendou o serviço. E se estivessem com alguma outra droga para consumo próprio, provavelmente estaria *malocada*<sup>13</sup> em algum esconderijo próximo ao ponto. Esses minutos gastos na abordagem aos mototaxistas propiciaram que os *vermes* que estavam fora do bar pudessem *dispensar* as *cápsulas* em algum lugar da rua, bem como os usuários que estavam dentro do bar escondê-las em algum lugar de difícil acesso aos olhos dos policiais.

Por ironia do destino, os dois senhores sentados na mesa da frente do bar, e que foram ignorados pelos policiais, assim como Montes e Lauro que estavam comigo na entrada do bar, possuíam alguma quantidade de cocaína. Mas revistá-los poderia gerar alguma situação bem desconfortável ao delegado, caso não encontrasse nenhuma droga. Eram brancos/morenos claro, estavam bem vestidos e não eram identificados como moradores de favelas. Ou seja, a seleção de quem seria ou não revistado seguiu um critério puramente hierárquico e estereotipado. Existem pessoas passíveis desse tipo de ação policial e outras não, como ressaltou Jonas.

---

<sup>11</sup> Ele se refere ora no masculino, ora no feminino.

<sup>12</sup> Também seria possível induzir, como relataram alguns frequentadores do bar, que aquela operação poderia ter sido “encomendada” por alguma pessoa influente residente da região com intuito de inibir o consumo ostensivo de drogas, logo, os policiais se viram obrigados a realizar essa operação. Nesse caso, pelo fato desse tipo de atuação policial (repressão a usuários) não ser vista como algo de muita importância para a maioria dos policiais, talvez esses profissionais presentes nessa operação foram ao local apenas para cumprir uma ordem superior, não se preocupando muito se a forma como realizariam a abordagem poderia produzir mais chances de sucesso (em termos de apreensão de drogas com os usuários).

<sup>13</sup> *Malocada* significa escondida em algum lugar seguro. O termo *entocado* também apresenta esse sentido, servindo para descrever objetos (como no caso de drogas enterradas) e pessoas escondidas (por exemplo, quando algum traficante está recluso dentro de algum barraco fugido da polícia ou de possíveis inimigos de outras facções).

O “trabalhador”

Em outra batida policial, dessa vez apenas com uma viatura da polícia militar, também aconteceu um fato interessante no que toca às escolhas entre quem pode ou merece ser revistado.

Uma viatura da polícia militar parou em frente ao estabelecimento e dois policiais seguiram diretamente para uma mesa onde estavam três pessoas bebendo, dois negros e um moreno. Um dos negros estava de sandálias e bermudas; o moreno era Terceiro, que estava de bermuda e tênis; e o outro negro estava com um macacão de uma empresa que presta serviço a um dos portos da cidade. Um dos policiais, de maneira bem truculenta, ordenou que os três indivíduos se encostassem na parede e abrissem as pernas – para facilitar a revista na região genital. Antes do rapaz de uniforme se levantar da mesa para seguir às ordens do primeiro policial, o segundo militar tocou seu ombro de forma cordial e disse: “você não, você pode entrar, é trabalhador”. O rapaz, com um semblante que misturava expressões de alívio e de satisfação pelo reconhecimento do policial em tratá-lo como “uma pessoa de bem”, adentrou ao bar e os policiais iniciaram a revista nos outros dois suspeitos. Terceiro, estava visivelmente *pancado* e já é conhecido por ficar *marcando*<sup>14</sup> no bar e na região à espera que alguém lhe ofereça alguma droga. Ele é conhecido como um cara não confiável e aproveitador, provavelmente os policiais da região já o conheciam pelo fato de Terceiro sempre percorrer bares e favelas, apesar de não morar em alguma destas. Ele vem de uma família de policiais e, certamente, devem saber que é um *viciado* e *picareta*, como me relataram alguns frequentadores do bar. Nesse dia da abordagem, Terceiro tentou ainda argumentar com os militares que vinha de uma família de policiais, citando inclusive nomes, mas seu jeito de *malandro 171* não convenceu muito. O outro rapaz que foi abordado ficou quieto e demonstrou reações que misturavam vergonha e submissão durante todo o processo.

Os policiais nessa e em todas as poucas abordagens que presenciei no bar não encontraram nenhuma substância ilegal. A seleção de pessoas a ser revistada não foi muito frutífera, assim como no caso descrito anteriormente, uma vez que o rapaz que foi liberado da revista por ser identificado como “trabalhador” portava uma *cápsula* de cocaína em seu bolso. Terceiro havia acabado de sentar em sua mesa com intuito de *sufocar* e tentar convencer o rapaz a lhe dar um

---

<sup>14</sup> Ficar *marcando*, nesse caso, significa permanecer em algum lugar por algum tempo, ficando *de boeira*. A categoria muitas vezes se assemelha à uma posição de vadiagem ou de ócio, caracterizando o indivíduo como alguém *desocupado*. Ficar *marcando* também pode ser associado a uma situação em que o sujeito está *vacilando* (*marcando boeira*).

*teco*. O outro rapaz da mesa não fazia uso de cocaína, como assegurou Vovô: “ele apenas gosta de tomar cerveja e cachaça”, além de usar tabaco. Nesse caso, assim como no outro que relatei anteriormente, o *faro policial* (Kant de Lima, 1995), guiado por preconceitos e suposições baseados em representações hierárquicas que desigualam sujeitos, nem sempre é eficaz no sentido da proposta de repressão a usuários e substâncias.

### O ócio e a cocaína

Uma das formas de hierarquizar usuários de cocaína no bar não se refere, exclusivamente, a questões de classe, gênero ou questões etárias, mas em tipos de ocupações (ou a falta destas) que os consumidores de cocaína desempenham. A categoria trabalho aparece nesse espaço como um elemento primordial na diferenciação entre usos e usuários frequentadores do bar.

Quando comecei a frequentar o bar e conhecer os frequentares, algumas vezes, ao ser indagado sobre meu ofício, respondia que fazia doutorado em Antropologia na Universidade Federal Fluminense - UFF. Muitos não conseguiam compreender o que era essa profissão de antropólogo e pesquisador, junto a isso, também não enxergavam essa ocupação como, de fato, um trabalho. Em alguns momentos, me perguntavam se exercia algo além dessa atividade e indagavam sobre quando iria arrumar um emprego. Com o tempo, resolvi falar que era professor, que, de fato, era verdade, pois lecionei por um tempo como professor voluntário no curso de graduação em Segurança Pública na UFF. Apesar de me identificar intimamente mais com a profissão de pesquisador e este ofício ser a fonte dos meus rendimentos, considerei que ser reconhecido como um professor era algo mais factível na cabeça de muitos frequentadores do que um cara com mais de trinta anos se apresentar ainda como um aluno. De forma semelhante, um dos rapazes que jogava futebol com os *coroas* (o único jovem, além de mim) em um clube da região teve alguns conflitos por ter seu trabalho de fotógrafo desqualificado por alguns membros do time. De certa forma, ser aluno, mesmo de doutorado, ou fotógrafo soam como algo ligado à formação profissional ou a um hobby, e não concebido como um “trabalho de verdade”.

A questão de classe, nesse contexto, não é determinante nessas classificações que envolvem a relação entre ócio, vício e questões morais sobre o consumidor. Alguns tipos de trabalhos, às vezes considerados como inferiores pelo caráter informal - como os vendedores de balas e de outras mercadorias em sinais de trânsito -, são encarados como algo de grande importância entre os frequentadores do bar, consumidores de cocaína ou não. Isso porque uma pessoa que não teve muito oportunidade na vida e permanece no sol e na chuva tentando conseguir seu “ganha-pão” no trânsito é encarado como uma forma de resistência frente às adversidades da

vida. Caju, por exemplo, tem grande estima por um dos frequentadores que trabalha como vendedor em um sinal de trânsito da região, e uma vez ele comentou que “diferente de muitos aqui [se referindo aos *vermes*], ele trabalha o dia todo na rua para tomar sua cerveja à noite (...) moleque trabalhador, não se *entrega*”. Nesse caso, esse tipo de trabalho pode ser mais valorizado que o trabalho de pesquisador ou fotógrafo, já que estes muitas vezes são relacionados a atividades de pessoas que possuem uma boa estrutura familiar e não precisam “correr atrás” nem fazer tanto esforço como é demandado em outros profissionais. Contudo, alguns tipos de ofícios informais não são considerados “um trabalho de verdade” (mesmo levando em conta fatores como esforço, risco e rotina), como ponderou certa vez Montes, se referindo aos serviços de busca de drogas realizados pelos *bondes*. Isso porque existe uma concepção moral de que o *bonde* está ligado a algo ilegal, diferente do vendedor ambulante<sup>15</sup>, que “está *na correria* tentando levar o leite das crianças”. A solidariedade da população, principalmente, das classes mais baixas aos ambulantes é visível, como podemos ver na posição contrária às políticas de repressão das guardas civis municipais e outros órgãos a esses profissionais da rua, como podemos observar nos trabalhos da Pires (2011) e Rocha (2016).

Terceiro e Careca, por exemplo, são provenientes de famílias de classe média e são vistos como sujeitos entregues à droga e *vagabundos*. Não possuem nenhum tipo de trabalho formal ou informal e vivem com a ajuda da família, praticando pequenos golpes ou exercendo a mendicância. Eles são classificados de forma bem distinta em comparação, por exemplo, a Paulinho mecânico. Paulinho possui uma pequena oficina mecânica na garagem de sua casa, localizada próxima à região do bar. Após o dia de trabalho, por volta das dezoito ou dezenove horas, o mecânico sai direto do serviço para beber e cheirar praticamente todos os dias. Mesmo com esse hábito cotidiano, Paulinho acorda cedo todos os dias para trabalhar. Ele também sempre sai cedo do bar, por volta das vinte e uma horas. Em relação a quantidades semanais de álcool e cocaína, o mecânico provavelmente utiliza um volume maior dessas substâncias do que Terceiro e Careca, entretanto, como possui o dinheiro do seu trabalho e é visto como um *trabalhador*, não carrega tantos estigmas quanto outros usuários.

Existe uma clara separação entre os *vermes*, *bondes* e *alcoólatras* de outros grupos que, a princípio, poderiam ser confundidos com estes pelo simples fato de consumirem drogas. Isso porque não é a droga em si, a quantidade ou a frequência do uso de cocaína que definem o modo como o sujeito será classificado como *viciado* ou *vagabundo* ou quem possui mais valor nesse mercado de consumidores, mas sim as atividades desempenhadas durante o dia, fora do

---

<sup>15</sup> Nesse caso, estou falando de concepções morais e não normativas, uma vez que os vendedores ambulantes muitas vezes circulam nessa fronteira da ilegalidade.

período em que a substância é utilizada pelo consumidor. O ócio, nesse sentido, é encarado como um elemento fundante para que um consumidor de cocaína seja considerado um *viciado* ou *entregue às drogas*. As pessoas que desempenham algum tipo de trabalho regular, seja formal ou informal, conseguem sair da base da pirâmide classificatória onde se encontra a *escória* do bar. Além das relações com o trabalho aparecerem como um dos elementos centrais nessas representações sobre o usuário, as relações familiares também são outro elemento que compõe essa arquitetura moral.

#### A família e o uso de cocaína

A família é outro elemento importante na construção dessa dualidade *viciados x usuários*. O apoio familiar dado ao usuário influencia, de forma indireta, a forma como estes serão vistos e tratados no contexto do bar. Questões econômicas e de classe também interferem de algum modo sobre como o sujeito será classificado. Por exemplo, como disse em um momento anterior, Careca vem de uma família de classe média e teve uma educação escolar relativamente alta, se comparada à maioria dos usuários do bar que nem chegaram a cursar o ensino médio. Ele teria condições de cursar uma universidade e se estabelecer na vida, contudo, na concepção de muitos clientes, optou por *se entregar* à cocaína. Careca é uma exceção entre os usuários de classe média, porque a razoável condição familiar favorece que o consumidor não tenha que recorrer a mendicância e pequenos golpes para manter seu hábito. O problema é que Careca foi “deixado de lado pela família”, segundo Vovô, por ninguém mais aguentar o fato dele ser “um vagabundo que não faz nada da vida”. Inclusive a família, sem saber lidar com seu vício, o internou algumas vezes em clínicas de recuperação, entretanto, sempre que tinha alta, regressava ao consumo rotineiro e exagerado de cocaína. Careca certa vez revelou-me que seu vício era, de fato, cocaína e que quase não consumia bebidas alcoólicas. Pode parecer estranho o fato dele permanecer em um bar consumindo *pó* e não ingerir nenhuma bebida alcoólica, mas era o que realmente acontecia, não me recordo, inclusive, de tê-lo encontrado embriagado, embora sempre agitado pelo efeito do *pó*.

Grande parte das pessoas que frequenta o bar, faz uso da cocaína na rua e não costuma utilizá-la em casa, próximo à família. De todos usuários com quem convivi, com raras exceções, somente os que moravam sozinhos ou os *vermes* utilizavam a substância em casa. Existe uma separação moral entre as coisas que os homens fazem na rua e o que eles podem fazer em casa, perto da esposa e dos filhos. Muitos usuários não conversam com as esposas sobre o fato de consumirem rotineiramente a droga, alguns alegam, inclusive, que suas companheiras desconhecem essa prática, já outros afirmam que suas consortes fingem



desconhecer esse hábito. Lauro, por exemplo, é um dos usuários que nunca revelou esse hábito à família. Apesar de cheirar praticamente todos os dias, nunca discutiu esse tema em casa com a esposa e outros familiares. Certa vez disse que sua esposa é muito religiosa e “tem coisas que não devem ser levadas para casa”. Apesar de cheirar com muita frequência, ele consegue manter um controle das doses ingeridas diariamente com muito rigor, conseguindo, inclusive, comprar maiores quantidades no intuito de economizar no serviço de *bonde*, guardando porções para serem usadas nos dias posteriores – algo difícil para usuários mais compulsivos. Lauro chega direto do trabalho ao bar, cheira algumas carreiras de *pó*, toma algumas cervejas, espera algum tempo *onda* diminuir e vai para casa descansar. Nunca o vi muito *pancado* e até muito tarde no bar.

Apesar de ter uma razoável estrutura financeira e familiar, possuindo alguns pequenos imóveis e tendo o apoio de um núcleo parental bem próximo (composto por mãe, irmãs, tios, sobrinhos, primos, etc.), a vida desregrada de Jonas e o decorrente consumo cotidiano de cocaína já proporcionaram alguns conflitos com alguns parentes, principalmente com sua irmã. Jonas nunca revelou, com exceção de sua irmã, o uso da droga para a família, apesar de alguns desconfiarem. Certo dia o ex-modelo contou que estava em seu quarto cheirando e foi pego de surpresa pela sua irmã, que ficou bem decepcionada. Nesse dia, revelou que ficou um pouco abalado, porque, em sua concepção, não havia nenhuma necessidade de fazer uso da droga em casa, ainda mais no meio do período da tarde. Sobre essa relação droga e família, Jonas considera que

Eu já assumi muita coisa, gente. Assumi a viadagem, sou alcoólatra. Sou uma pessoa que detesta trabalhar, quero viver na renda. Aí vou usar droga agora? Não posso [revelar a família]. Não, não. Acho que mamãe me interna. (...) Mas a família dá uma distanciada, né. Minha irmã sabe porque minha irmã é minha amiga. Três anos mais velha. Eu acho que tinha que ter uma pessoa que sabe de tudo. Se eu for transar, se eu for dar, eu falo assim: Pâmela, eu dei ontem. Ou se eu irei, eu falo assim: Pâmela, eu vou dar hoje. Também não dou muito detalhe, né, palhaçada (risos). Eu não falo desse cotidiano [das drogas]. Toda vez que eu saio eu dou um teco. Mas ela sabe que acontece. Por exemplo dessa das duas horas da tarde ela já pegou, porque eu fui para o quarto e quando eu voltei.... Nós somos os donos do prédio, né?! Abafa.... Ela entrou ali eu não estava esperando, ela falou assim... quando ela viu eu fazendo isso do nada: “Eu acredito que você está cheirando aqui dentro de casa”. Para que? [Jonas respondeu à irmã]: “não me pergunta isso que está difícil ainda”. Palhaçada! Sabe, não desmenti, enfim. Mas não quero que ela veja isso de novo. Mas eu fiquei com a cara.... “Não pergunta isso não, está louca. Não sei o que te dizer. Passa direto, sorrindo. Quero ver

você sorrindo. Mamãe está ali na sala. Sorrindo!” [Jonas falando com a irmã] (...) mas afasta [da família], claro que afasta, não podia estar todas essas noites em casa. Papai faleceu. Eu sempre fui muito presente, mas poderia ser mais. O vício faz isso, né? Vou para rua beber e dar um teco. Porém, se eu não fizesse eu estaria em casa? Porque bebida tem lá. Eu poderia tomar a cervejinha da geladeira. Afasta né. Imagina quando todo mundo sabe, que a família sabe. Deve ser um pandemônio.

Galvão também não acha uma boa ideia misturar esse universo do consumo de drogas ao mundo familiar. Ele conta que apesar dos filhos saberem (pelo menos o primogênito) que utiliza a substância por vezes nos momentos de interação com os amigos, nunca assumiu esse consumo de forma direta. Galvão considera que as pessoas possuem particularidades que não devem ser expostas a qualquer pessoa, os filhos não lhe contam tudo de suas vidas e o mesmo acontece de modo contrário. Por ter uma “relação saudável” com a droga, não se considerando um usuário compulsivo, não vê a necessidade de abrir essa questão a outras pessoas que não sejam íntimos e não estejam envolvidos nesse contexto de uso. Fernando também considera que não tem necessidade de revelar que consome a substância para seus familiares, apenas sua ex-esposa e a atual que conheciam esse seu hábito. Quando ele consome cocaína perto de familiares, ele se dirige a um lugar reservado, como seu quarto ou banheiro, e as pessoas acham que qualquer tipo de alteração se deva aos efeitos do álcool, consumido também nesses momentos. De maneira diferente, quase toda a família sabe que ele consome maconha, mas considera que “em relação ao *pó* não precisa [revelar], né?”.

Apesar de consumir cocaína há muitos anos, Montes não considera que isso seja um hábito “exatamente correto, porque o envolvimento não é exatamente legal”. Por isso nunca relevou para a família essa sua prática, nem mesmo para a sua esposa. O comerciante considera que a droga “deteriora muito a família” e que em muitos casos o usuário acaba tendo mais prazer na substância do que no convívio com a mulher, filhos, mãe, e demais pessoas próximas. Montes considera ser bem nocivo para a família para quem não tem o equilíbrio.

Depende muito da família. É muito complicado. Por exemplo, você faz parte de uma família, e descobre que o cara é drogado. É difícil. Tem que ter um autocontrole muito grande. Mas que é nocivo para a família, isso é indiscutível. Principalmente porque gasta-se dinheiro, deixa de pagar uma conta comprar um leite, honrar qualquer compromisso que seja para utilizar. Não parece, mais uma merreca todo dia, dez, vinte contos todo dia, no final de uma semana é quinhentos, seiscentos, mil reais por mês. Mil reais por mês são doze mil por ano. Em dez anos é uma entrada num apartamento bom. Mas aquele negócio, eu acho o que a gente leva dessa vida é a vida que a gente leva. Um cara me enviou um e-mail muito engraçado me dizendo: se você deixar de tomar um

cafezinho todo dia, no final de trinta anos você tem duzentos mil reais. Se você deixar de tomar uma cerveja todo dia, no final de trinta anos, você tem mais duzentos mil reais. Se você deixar de comer uma pizza todo dia, você tem mais tanto. Aí o cara respondeu, para que que eu quero dinheiro se no final de trinta anos, eu não posso tomar um café, tomar uma cerveja e comer uma pizza. Para que que eu quero dinheiro? Então, eu acho que.... É bem complicado.... É bem complicado você achar o que é certo e o que errado. Tem gente que consegue conviver com isso na família [com o consumo], mas eu acho complicado.

Em algumas falas, alguns usuários concordam que a cocaína atrapalhou ou passou a se tornar o motivo de certa desestruturação familiar. Pensando a relação uso de cocaína e casamento, Santos comenta o seguinte:

eu já derrubei duas famílias já com isso [pelo consumo cotidiano de cocaína]. Para tu ver, que eu já casei quatro vezes.... Se eu fosse bom mesmo [essa relação família e consumo] não casaria quatro vezes, estaria no primeiro casamento. Consequência.... Às vezes não quero admitir, mas no ensejo, estou passando, mas eu não quero admitir, mas no particular como eu estou falando para você, que não tem ninguém da minha família aqui escutando. Eu estou falando para você de coração aberto. Eu casei quatro vezes, por que? Nenhuma delas [das esposas] é culpada da minha separação. Simplesmente eu namorei mais a cocaína nesses anos todos que a minha família, sabe? Eu namorei muito a cocaína.

Diferente de Santos e outros usuários com relações familiares menos estruturadas, os *coroas*, por exemplo, possuem uma relação familiar mais estável ou, ao menos, tentam transpor uma ideia que caminha para esse sentido. Observei que eles sempre comentam algo sobre os filhos, esposas e parentes e, por vezes, argumentam sobre seus retornos para casa em um período mais cedo do que o costume ou do que o esperado pelos amigos justificando algum tipo de compromisso familiar ou de trabalho. Apesar de algumas vezes ocorrerem gozações, como insinuar o indivíduo que está se ausentando está “encoleirado” pela mulher, todos entendem essas justificações como algo sério e importante, e que não devem ser desqualificadas.

O fato que uma família desestruturada, sem oferecer nenhum tipo de apoio emocional e financeiro ao usuário, proporciona que essas situações de *estigma* (Goffman: 1988) sejam ampliadas, se comparado a um usuário que possui uma base familiar mais sólida. Santos, por exemplo, vive numa situação precária, em termos financeiros, um de seus filhos está preso por tráfico de drogas há alguns anos, foi casado diversas vezes, como comentei antes, e hoje vive uma relação um tanto quanto conturbada com uma mulher que também frequenta o bar, consome, assim como Santos, cocaína de maneira rotineira e também realiza serviços de *bondes*. Sua companheira, algumas vezes optou em realizar serviços sexuais para manter seu

hábito de consumo de álcool e cocaína, proporcionando situações de conflitos familiares que talvez poderiam ter sido evitados caso os dois possuíssem uma melhor estrutura familiar e financeira.

Nesse contexto, o trabalho e a família do usuário proporcionam elementos que colaboram para a diferenciação e hierarquização do consumidor de cocaína, muitas vezes colocando-o em uma situação estigmatizante perante outros usuários que possuem uma melhor estrutura no âmbito dessas duas instituições sociais. É possível também perceber que existe uma concepção moral em torno da cocaína que acaba afastando os usuários da família durante o período de uso. Diferente do consumo de maconha, que pode ser mais aceito em alguns lares pela menor carga negativa agregada à erva em comparação ao *pó*.

### Considerações Finais

É necessário ressaltar que distintas concepções sobre hierarquias apareceram durante o trabalho de campo. Relações hierárquicas são comumente empregadas entre usuários (e também por peritos criminais) para determinar como indivíduos serão tratados a partir do status social que são atribuídos a estes. De maneira distinta, o ambiente do bar não pode ser caracterizado como um lugar tipicamente hierárquico, nesse sentido tradicional do termo. Isso porque o bar possui um sistema de hierarquização peculiar, construído a partir de perspectivas locais por donos, funcionários e clientes, não amparados por lógicas tradicionais de desigualação de indivíduos presentes na nossa cultura. Há uma noção de *hierarquia includente* (Kant de Lima, 2010), já que é mais valorizado pelo dono do bar aspectos individuais relacionados à honra, por exemplo, do que aspectos econômicos ou socioculturais. O caso do irmão de um deputado estadual, expulso do estabelecimento após infringir algumas etiquetas locais, é um dos exemplos que demonstra que o bar é regido por outros princípios de classificações sociais pelo dono em relação a seus clientes.

. Além do caso que mencionei acima, sobre o irmão do deputado, que foi expulso por tratar uma cliente de maneira que não condizia com as etiquetas locais, poucos dias antes de terminar a escrita dessa tese um caso me chamou a atenção para esse assunto. No momento em que estava pagando a conta no bar, observei que Mello, um dos donos do bar, incluiu uma taxa adicional ao valor total pelo fato de eu ter pedido um maço de cigarro e efetuar o pagamento utilizando o cartão na função crédito. Questionei de forma jocosa sobre a cobrança, induzindo que sempre gastava um bom valor no bar e que a cobrança dessa taxa não condizia com o tipo de cliente que eu imaginava ser, ou seja, cobrei um tipo de tratamento diferenciado pela minha posição (tomar a cerveja mais cara, gastar mais que a maioria dos frequentadores, etc.). Mello

respondeu que aceitava que “bons clientes” pagassem o cigarro com cartão de crédito (geralmente não aceito em outros estabelecimentos), que era um favor, pois praticamente não obtém lucro com a venda desse produto. Contudo, sempre cobra um adicional, referente à taxa da operadora da máquina de cartão a todas essas pessoas, e que não teria motivo para ser diferente comigo. Mello pode conceder alguns favores aos “bons clientes” – que se tratam de pessoas *consideradas* -, contudo, não importa se essas pessoas costumam consumir R\$100,00 ou R\$10,00 reais no bar. Nem mesmo importa se o “bom cliente” é um doutorando da universidade ou um vendedor informal que trabalha em sinais de trânsito. Portanto, esse caso demonstra como meu apelo ao meu status social não havia muito sentido para Mello.

Por fim, é importante ressaltar que o olhar normativo do Direito, no caso dos consumidores de drogas, não consegue dar conta de toda complexidade que envolve o consumo de cocaína - tampouco o olhar do campo da saúde, que se volta muito mais para aspectos generalistas, o que acaba homogeneizando usos e usuários. Isso porque nossa sociedade hierarquizada, conforme discorri anteriormente, desigualta sujeitos e produz classificações sobre os usuários a partir do seu status social. Isso se reflete em todos os setores da segurança pública: a perícia criminal sendo desqualificada, quando envolve alguém influente; a situação atual dos presídios, superlotados com uma grande quantidade de pequenos traficantes; o judiciário, com pessoas sendo tratadas com maior ou menor rigor em uma mesma tipificação penal; e com os usuários de cocaína, sendo estigmatizados muito mais pela situação social do que propriamente pelo consumo da substância.

#### Referências Bibliográficas

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Zahar Editores, 1983.

\_\_\_\_\_. MATTA, Roberto da. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.  
DUMONT, Louis. O individualismo. Rio de Janeiro: Rocco, 1985

. \_\_\_\_\_. Homo Hierarchicus: os sistemas de castas e suas implicações. São Paulo: EDUSP, 1997.

GOFFMAN, Ervin. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

\_\_\_\_\_. A representação do eu na vida cotidiana. Vozes, 2011. KANT DE LIMA, Roberto. Ensaios de Antropologia e de Direito. Rio de Janeiro: Lumen Juris. 2008.

\_\_\_\_\_. A antropologia da academia: quando os índios somos nós. Niterói: EDUFF. 1997.



\_\_\_\_\_. A polícia da cidade do Rio de Janeiro: seus dilemas e paradoxos. Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, 1994.

\_\_\_\_\_. Carnavais, malandros e heróis: O dilema brasileiro do espaço público. Em: GOMES, Laura Graziela, Livia Barbosa [e] José Augusto Drummond (orgs.). O Brasil não é para principiantes: Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois. Rio de Janeiro, FGV, 2000, pp. 105-124.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. O significado do botequim. Kowarick L, organizador. Cidade: usos & abusos. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 77-114, 1978.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: formas e razão da troca nas sociedades arcaicas. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

PIRES, Lenin da Silva. Entre notas e moedas: trocas e circulação de valores entre negociantes em Constituição. Horizontes Antropológicos, v. 19, n. 39, p. 149-178, 2013.

\_\_\_\_\_. Esculhamba, mas não esculacha!: uma etnografia dos usos urbanos dos trens da central do Brasil. Niterói: Editora da UFF, 2011.

ROCHA, Talitha. M. A R. Representações e práticas na atuação da Guarda Municipal de São Gonçalo (RJ): uma análise da administração dos conflitos cotidianos. In. 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, João Pessoa – PB, 2016.

THIAGO DE MELLO, Pedro Paulo Pendura essa, a complexa etiqueta na relação de reciprocidade em um botequim do Rio de Janeiro. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF, Niterói, 2003.

VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. Desvio e divergência: uma crítica da patologia social, v. 6, p. 11-28, 1985.

\_\_\_\_\_. Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

\_\_\_\_\_. Nobres e Anjos: um estudo sobre tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

.....